

Destaques

José Canário Martins, Reitor de Figueira de Castelo Rodrigo

“Tenho a certeza que lancei os alicerces de um santuário grandioso”

Aos 91 anos de idade, o Padre José Canário Martins está a poucos dias de cessar as suas funções como Reitor de Figueira de Castelo Rodrigo. Depois de 66 anos de grande actividade pastoral, sempre em Figueira, o padre Canário teve de reduzir o trabalho que vinha desenvolvendo devido a problemas de saúde. Para o sucessor deixa o repto de fazer mais e melhor por Figueira.

A Guarda - O que significa para si a Serra da Marofa?

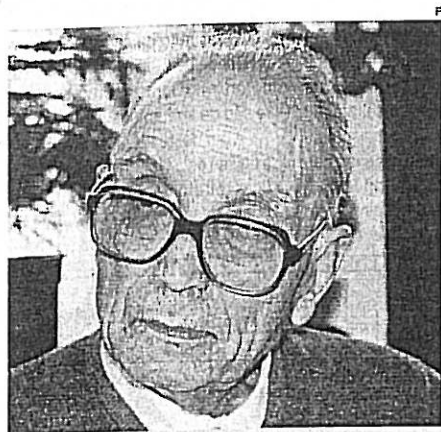
Canário Martins - O grande sonho da minha vida foi, exactamente, o Santuário da Serra da Marofa, o Santuário Mariano. Como eu sou natural da Serra da Estrela, e a conheço por aí ter feito muitos passeios a pé, quando cheguei a Figueira de Castelo Rodrigo a primeira coisa que fiz foi subir ao alto da Serra da Marofa. Fiquei admiradíssimo com o panorama que se disfruta do alto da serra porque se vislumbra de lá cinquenta concelhos portugueses e espanhóis. Perante aquele cenário maravilhoso perguntei a mim próprio como é que aquele lugar estava tão abandonado e tão desprezado. Sem fazer nenhuma promessa pensei que, se ficasse muito tempo em Figueira, haveria de construir ali uma ermida a Nossa Senhora, semelhante a tantas ermidas que há por este Portugal fora, no alto dos montes e no fundo dos vales. Escusado será dizer que não partici-

pei esta minha ideia a ninguém.

Alguns anos depois, houve uma ocasião favorável e eu lancei a ideia de se construir uma ermida a Nossa Senhora de Fátima no alto da Serra da Marofa, a 978 metros de altitude. A ideia foi avançada pelo Cônego Mendes de Matos, a meu pedido, num sermão que pronunciou em festa concelhia na igreja de Figueira. Toda a gente recebeu a ideia muito bem.

Toda a gente concordou que se fizesse lá em cima a capelinha, mas ninguém acreditava que se fizesse. Toda a gente dizia: "ó senhor reitor, nós havemos de morrer todos sem que se possa fazer a capela". Nessa altura não havia estrada, não havia caminho para a serra. Também não havia água no cimo da serra e era muito difícil transportar os materiais para a construção da capela.

A capela acabaria por ser feita, bem como todo o resto da obra, apenas com esmolas dos fiéis. A via sacra, os mistérios do rosário com figuras em tamanho



O padre José Canário Martins foi reitor de Figueira durante 66 anos

natural, a estátua a Cristo Rei, a estátua a Nossa Senhora de Lurdes com Santa Bernardete e ainda muitas coisas em projecto, transformaram completamente a Serra da Marofa.

A não ser a estrada municipal que foi construída pela Câmara Municipal, tudo o resto foi feito com as esmolas, pequenas e grandes dos fiéis. Para fazer toda aquela obra foram necessários milhares de contos.

Este foi o meu grande sonho e tenho a certeza que lancei os alicerces de um Santuário grandioso.

Aquilo que está feito na Serra da Marofa é apenas um grãozinho de mostarda, que há-de crescer, que há-de desenvolver e dar os seus frutos.

Os que vierem depois de mim continuarão essa obra ainda com maior firmeza e maior desenvolvimento que eu.

Foi o grande sonho da minha vida.

A. G. - E Figueira de Castelo Rodrigo?

C. M. - Acompanhei todos os grandes melhoramentos que se fizeram nestes últimos cinquenta anos. Não foram da minha iniciativa mas tiveram o meu apoio, principalmente a sua divulgação na imprensa.

Agora, quando vão terminar as minhas funções de Reitor, posso dizer que eu me apaixonei por esta terra, que me apaixonei por esta vila.

Tive e tenho muitos defeitos, mas não live o defeito de ser preguiçoso. Trabalhei sempre com boa vontade e com paixão.

Agora, o que peço a Nosso Senhor é que o meu sucessor faça muito mais e melhor do que eu fiz.

A. G. - Como analisa as obras realizadas na aldeia histórica de Castelo Rodrigo?

C. M. - Quanto às obras de Castelo Rodrigo isso é pano para mangas, mas fica para outra altura. Há muitas coisas com que eu não concordo. Há muitas coisas que não se deviam ter feito e muitas coisas que ficam por fazer ainda e que deviam ser prioritárias.

A. G. - E Santa Maria de Aguiar?

C. M. - O nome próprio do local é Real Mosteiro de Santa Maria de Aguiar.

A igreja do Real Mosteiro é românica de transição para o gótico. Depois da Sé da Guarda é a primeira igreja da nossa diocese neste estilo. Está a ser visitadíssima. A Serra da Marofa, Castelo Rodrigo e o Real Mosteiro de Santa Maria de Aguiar são os lugares mais visitados do concelho.

Toda a gente fica encantada com a igreja que é realmente vistosa e valiosa e principalmente com o retábulo Barroco do século XVII.

A. G. - Como encara a hipótese do regresso dos monges ao Real Mosteiro de Santa Maria de Aguiar?

C. M. - A maior felicidade que eu teria na minha vida era ver os monges de Cister no seu convento.

Eles estiveram ali sete séculos. O convento é muito pouco

posterior ao Mosteiro de Alcobaça.

Os monges foram expulsos por esse estadista de triste memória que foi Joaquim António de Aguiar. Ao expulsar os frades em 1834 este senhor cometeu o maior crime da história religiosa de Portugal. Ao mesmo tempo foi um homem que prejudicou o património artístico de uma forma espantosa, porque os conventos ficaram abandonados. Agora a sua recuperação custa milhões e leva muitos anos a fazer. Esse homem tem um triste nome na história de Portugal.

A. G. - Ao deixar Figueira o que é que gostaria de ter feito e não fez?

C. M. - Ainda agora acabei de dizer que tinha projectos para o Santuário da Marofa. São projectos que não poderia, de maneira nenhuma, realizar devido à idade e falta de tempo. Uma obra que teria grande sucesso na Marofa seria a construção de uma escadaria semelhante à de Lamego ou semelhante à do Sameiro, desde a estrada nacional até ao alto da serra.

Seria uma obra magnífica, uma obra espantosa embora caríssima, mas tenho a certeza absoluta que os turistas e os devotos contribuiriam para a sua construção.

Estou a ver essa escadaria, sem estar feita. Seria uma obra atractiva e chamaria muitos visitantes e turistas a Figueira e seria mais um meio para louvar Nossa Senhora.

Figueira de Castelo Rodrigo

Na despedida do Padre José Canário

Desde a mais tenra idade foi seduzido pelo anelo das montanhas. Da sua vila natal, Teixoso, uma nesga de terra em mira da Estrela, sempre desejosa de galgar a encosta para atingir os picos, herdou o gosto dos pináculos sublimes. Não apenas um gosto espiritual, mas até físico. Calcorreou, por isso, ainda muito jovem, as escarpas alcantiladas dos Cântaros e das Penhas, dominou com admiração contemplativa as planícies ao derredor e sentiu-se cada vez mais preso das alturas.

A sua vocação foi desde sempre o sacerdócio. Ingressado nos seminários diocesanos, o Pe José Canário Martins, terminado o curso sem ter a idade jurídica para ser ordenado, foi enviado para

Tomar, onde sob a orientação de D. João Evangelista Lima Vidal, se iniciava a Sociedade Missionária.

Feito sacerdote, no Convento de Cristo, e-lho na sua diocese de origem, onde o bispo de então, D. José Alves Matoso, o nomeia pároco de Figueira de Castelo Rodrigo. Por circunstâncias várias não pôde tomar posse de imediato deste cargo e houve de esperar, na aldeia do Azinhal, que pastoreou nos primeiros tempos de padre.

Chegado a Figueira, o seu olhar voltou-se de imediato para os cimos da Marofa. Aí se deixou empolgar pela miragem dos altos montes e deslumbrar, quase em êxtase, pela imensidade e grandeza da paisagem estendida

a seus pés. Desde logo, amou as gentes e a terra. Pastoreando o rebanho a ele confiado, dedicou-se, quase excluindo da alma e do coração qualquer outro amor, a cada pessoa das suas belas e atraentes paróquias. E de soslaio, fixava o vértice da montanha, sempre a brilhar lá no alto.

O sonho continuou e, pouco a pouco, torna-se realidade. Vai construindo a igreja de Nossa Senhora de Fátima, colocando a estátua de Cristo Rei, dispondo a gruta da virgem de Lurdes com santa Bernardete, erguendo a cruz gloriosa, traçando a via-sacra, cavando a cripta para as imagens dos padroeiros das freguesias limítrofes, levantando as capelas de cada um dos mistérios do

rosário e conclamando os povos de todo o concelho a subirem a colina, para, no topo, ao sabor da brisa, ou sob a inclinação do sol estival, celebrarem os divinos mistérios, com verdadeiras multidões às quais se uniam os vizinhos espanhóis. E acercavam-se representações das autarquias vizinhas e vinham prelados presidir às grandes solenidades, sempre com o regozijo da alma do Pe Canário que filava a realidade concreta do seu sonho distante.

Agora, com os tempos volvidos, ainda olha e sonha, enquanto no recolhimento da sua casa, se apressa a continuar outra grande paixão, a imprensa católica, bem testemunhada pelos leitores de "A Guarda" e do "Amigo da

Verdade", para só lembrar os semanários, onde mais assiduamente colaborou. À volta, permanece o halo imenso de inumeráveis amigos, conquistados um a um pela sua alegria contagiante e pelo esforço ininterrupto de querer guindar a vila cada vez mais amada às culminâncias dos cimos sempre sublimes da sua Marofa.

Na hora da passagem do testemunho, "A Guarda", onde tanto trabalhou o Pe Canário, quer agradecer-lhe o seu grande empenho e devotamento à causa da imprensa cristã, prestar-lhe a homenagem conquistada pelo seu múltiplo labor e desejar-lhe uma longa e próspera vida, com a saúde e a boa disposição de sempre.